

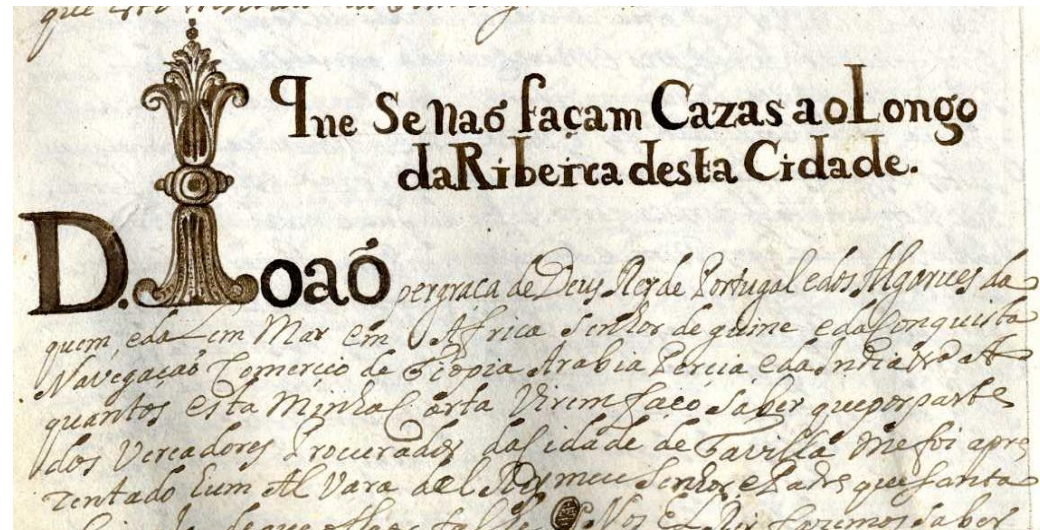
## O rio e a construção naval

O rio que divide Tavira, sempre aproximou esta cidade do mar, constituindo assim um importante elo e recurso de sobrevivência para as suas gentes.

Como complemento das artes marítimas, as margens do Gilão foram aproveitadas para a construção naval, existindo aqui estaleiros de construção e reparação de barcos. A prova que os marítimos de Tavira constituíam um grémio muito forte, está na concessão de alguns privilégios por parte do poder régio. Exemplo disso, é a acção levada a cabo por um grupo de mareantes, juntamente com o Procurador do Concelho, ao apresentarem um auto que estava arquivado “na Arca deste Concelho”, datado de 24 de Novembro de 1506. O conteúdo deste auto é no fundo uma queixa a relatar que em Tavira, num sítio onde antigamente se faziam navios, queriam “algumas pessoas fazer cazas”. Muito mais tarde e certamente preocupado com a perpetuação de toda esta industria naval, a 23 de Abril de 1530, o rei D. João III confirma o alvará do seu antecessor, determinando para “que se não façam Cazas ao Longo da Ribeira desta Cidade”.

## Arquivo Municipal de Tavira

### Documento do Mês



Livro da Reforma dos Tomos, 1733 , livro nº1, fl. 103 v.  
Fundo: Câmara Municipal de Tavira